



**FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA:
UM PROTESTO DA TORCIDA ORGANIZADA GAVIÕES DA FIEL NA
“IMPrensa ALTERNATIVA” E NA “IMPrensa TRADICIONAL”¹**

Felipe Tavares Paes Lopes²

RESUMO: Este trabalho objetiva compreender como um protesto da torcida Gaviões da Fiel foi simbolicamente construído em uma matéria da Mídia Ninja e em uma da Rede Globo e como essas construções simbólicas se entrecruzam com relações de dominação. Para responder a esse objetivo, apoiei-me nos conceitos de ideologia de John B. Thompson e na sua proposta metodológica: a hermenêutica de profundidade. Entre outras coisas, concluí que a matéria da Rede Globo é potencialmente ideológica na medida em que reforça o estigma de violência posto sobre as torcidas organizadas. Já a da Mídia Ninja é potencialmente crítica na medida em que realça a opressão sofrida por essas torcidas.

PALAVRAS-CHAVE: *Futebol. Comunicação. Ideologia. Torcidas Organizadas. Poder.*

ABSTRACT: This work aims to understand how a protest of Gaviões da Fiel was symbolically constructed in two journalistic reports – one broadcasted by Mídia Ninja and the other one by Rede Globo – and how these symbolic constructions intersect with relations of domination. In order to respond to this goal, I adopted John B. Thompson's concept of ideology and his methodological proposal: the depth hermeneutics. Among other things, I concluded that Rede Globo's reporting is potentially ideological because it reinforces the stigma of violence on the members of the torcidas organizadas. On the other hands, the Mídia Ninja's reporting is potentially critical because it highlights the oppression suffered by these members.

KEYWORDS: *Football. Communication. Ideology. Torcidas Organizadas. Power.*

¹ Este artigo contou com o apoio da Fapesp e é uma versão adaptada e ampliada do trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Cultura e Sociedade do Seminário Tecnologia, Educação e Sociedade, realizado pela Faculdade Tecnológica (Fatec) de Itaquaquecetuba, SP, nos dias 15 a 17 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.fatecitaqua.edu.br/fatecitaqua/temp/img/1515288054.pdf>. Acesso em: 23 de fev. de 2018.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo. Fez pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: lopesftp@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, abordo um protesto realizado em 2016 pela maior torcida organizada do Corinthians, os Gaviões da Fiel (GDF), contra, entre outros fenômenos, a repressão nas arquibancadas, a elitização do futebol e a criminalização das torcidas organizadas. Ao focalizar tal protesto, objetivo compreender como ele foi simbolicamente construído pela “imprensa tradicional” e pela “imprensa alternativa” e em que medida e como essas construções simbólicas se entrecruzam com relações de dominação. Mais exatamente, se, e se sim, de que maneira elas podem reforçar a ordem social que favorece os grupos dominantes, caracterizando-se como ideológicos. E, inversamente, se, e se sim, de que maneira podem contribuir para minar essa ordem, caracterizando-se como críticos da ideologia.

Em primeiro lugar, este trabalho justifica-se porque contribui para preencher uma lacuna na literatura científica sobre Comunicação e Esporte. Ainda que alguns estudos (Toro, 2004; Hollanda, 2009; Lopes, 2013; 2016) já tenham analisado como as torcidas organizadas têm sido discursivamente construídas pela mídia, há uma ausência de pesquisas que se debrucem sobre as narrativas veiculadas pela “imprensa alternativa”. Em segundo lugar, porque dá continuidade aos estudos que venho desenvolvendo, na área de Análise Crítica do Discurso (ACD), sobre o papel das produções discursivas na implementação de estruturas e mecanismos de dominação no contexto do futebol. Nas palavras de Luiza Martín Rojo (2004: 217-218), a ACD busca

[...] intervir na ordem social e discursiva, aumentando a reflexividade dos falantes, sua consciência das repercussões do uso linguístico, e [dar-lhes] as ferramentas necessárias para analisar e modificar seus usos, criando, além disso, através das análises, a possibilidade de que surjam visões e representações alternativas dos acontecimentos.

Uma vez justificado o trabalho, cabe, agora, apresentar sua estrutura. Na primeira seção, apresentei o conceito de ideologia de John B. Thompson, apontando para suas vantagens analíticas. Na segunda, descrevi sua hermenêutica de profundidade (HP), enfocando os procedimentos de produção e análise das informações adotados em cada uma de suas três fases. Na terceira, sintetizei a história dos GDF e do protesto

realizado no Vale do Anhangabaú, focalizando os conflitos sociais que o motivou e que foram por ele ensejados. E na quarta e última, discuti como foi abordado em uma matéria da Rede Globo e em uma da Mídia Ninja.

IDEOLOGIA

Desde que foi empregado pela primeira vez no final do século XVIII, pelo filósofo francês Destutt de Tracy, o conceito de ideologia tem assumido uma ampla variedade de significados, nem sempre compatíveis entre si, o que faz dele um "terreno minado" (Guareschi, 2007). Ao inserir-se nesse terreno, Thompson (2000) busca distanciar-se das concepções neutras de ideologia – que a compreendem como uma forma de investigação ou como um aspecto da vida social que não é nem mais nem menos atraente ou problemático do que qualquer outro – e define ideologia como o sentido a serviço da dominação. Sendo assim, para o autor, um discurso pode ser caracterizado como ideológico quando, sob determinadas circunstâncias, estabelecer e sustentar relações de dominação, entendendo por dominação relações de poder que são sistematicamente assimétricas.

139

Esta concepção de ideologia é particularmente interessante pelas seguintes razões. Primeira: rechaça a ideia de que toda ideologia seja intrinsecamente ilusória – colocando seu caráter enganador apenas como uma possibilidade contingente. Segunda: interessa-se não somente pelas maneiras como o discurso mantém relações de dominação de classe, mas, também, como conserva relações de dominação de raça, idade, gênero etc. Terceira: evita uma tendência, prevalente na literatura: de pensar a ideologia como uma característica ou atributo intrínseco de certas formas simbólicas ou sistemas simbólicos, tais como o conservadorismo, o comunismo, o liberalismo etc. Em outras palavras: um discurso pode ser ideológico sob certos aspectos e contestatório sob outros. Pode contribuir para a preservação das estruturas de dominação de gênero ao mesmo tempo em que questiona as de classe, por exemplo. Mais ainda, um discurso pode ser ideológico num contexto e contestador em outro. Afinal, seu caráter ideológico vai depender de como é apropriado, (res)significado e utilizado em circunstâncias concretas da vida cotidiana.

METODOLOGIA DA INTERPRETAÇÃO

Para os fins de interpretar a ideologia, Thompson (2000) desenvolve uma hermenêutica de profundidade (HP) que adjudica uma inflexão crítica a cada uma de suas fases. Assim, na análise sócio-histórica, busquei (re)construir, muito brevemente, a história dos GDF e do seu protesto no Vale do Anhangabaú, enfocando os conflitos sociais que marcaram a emergência desse protesto. Para realizar tal discussão, realizei uma revisão de literatura sobre torcidas organizadas de futebol nos seguintes bancos bibliográficos: Scientific Electronic Library Online; Google Acadêmico; Banco de Teses da CAPES; Levantamento de Monografias, Dissertações e Teses sobre Torcidas de Futebol, disponível no site do Laboratório de Educação e Patrimônio Cultural da Universidade Federal Fluminense; bibliotecas de universidades públicas e privadas do estado de São Paulo (USP, Unicamp, PUC/SP e Uniso) e no meu arquivo particular. Nesses bancos, utilizei e cruzei descritores que variaram de acordo com o modo de organização e terminologia dos locais.

Ademais, recorri às anotações feitas em meu diário de campo sobre o protesto dos GDF (a ida a esse protesto fez parte uma pesquisa etnográfica mais ampla sobre os movimentos de resistência no futebol). Ao recorrer a essas anotações, não tive, de modo algum, a intenção de verificar se aquilo que foi mostrado nas matérias selecionadas correspondia ao que “realmente ocorreu”, pois entendo que não existe uma verdade em si, independente dos enunciados que a linguagem nos permite construir para representar o mundo (Iniguez, 2004). Minha intenção foi apenas adensar a análise e a interpretação realizadas e problematizar algumas das escolhas feitas na construção das matérias em questão. Os resultados da análise sócio-histórica foram sintetizados no tópico subsequente.

Na análise formal ou discursiva, selecionei, primeiramente, uma matéria sobre o protesto em questão do telejornal SPTV, da Rede Globo, e outra da Mídia Ninja. A escolha por selecionar essas matérias deve-se ao fato de a Rede Globo ser paradigmática da “imprensa tradicional” e a Mídia Ninja, da “imprensa alternativa”. A Rede Globo é a principal rede de televisão aberta do Brasil, assistida por cerca de 200 milhões de pessoas diariamente, e o SPTV é um dos seus principais telejornais locais. Ele dedica-se à notícias da região metropolitana de São Paulo e vai ao ar ao meio-dia e às 19h20. A

Mídia Ninja, por sua vez, é uma rede descentralizada de jornalistas de esquerda, que teve origem em 2011 e ficou muito conhecida pelas suas transmissões em tempo real, pela Internet, de protestos e manifestações políticas.

Uma vez selecionado o material, submeti-o a uma análise de discurso de orientação construcionista. Nesta análise, busquei saber quais foram as fontes utilizadas para a produção das matérias. Também procurei identificar as estratégias empregadas na construção (e avaliação) dos atores sociais presentes nas narrativas veiculadas e das ações atribuídas a eles, bem como na (re)contextualização feita do protesto noticiado (Rojo, 2005). Em seguida, busquei associar essas estratégias a certos modos gerais de operação da ideologia, tais como: a legitimação, a dissimulação, a unificação, a fragmentação e a reificação (Thompson, 2000). Ao fazer isto, já comecei a me engajar na terceira fase da HP: a interpretação/ reinterpretação. Nesta, explicitarei algumas conexões entre os sentidos mobilizados pelas matérias em questão e os conflitos discutidos na primeira fase. Os resultados dessa reinterpretação foram apresentados na última seção deste trabalho.

BREVE HISTÓRICO DOS GAVIÕES DA FIEL E DO PROTESTO REALIZADO NO VALE DO ANHANGABAÚ

As torcidas organizadas de futebol são as principais responsáveis pelas festas, conflitos e protestos nas arquibancadas dos estádios do Brasil. Essas torcidas despontaram no final dos anos 1960 e início dos 1970, a fim de reivindicar autonomia face aos clubes, adotar um novo estilo de torcer e, com isso, distinguir-se dos demais agrupamentos organizados de torcedores existentes na época, como as charangas. Ao longo dos anos, foram burocratizando-se, profissionalizando-se e fragmentando-se em uma miríade de subgrupos espalhados pela cidade (Teixeira, 2004; Hollanda, 2009). Sua estrutura é fortemente hierarquizada e seus membros são, na sua maioria, jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos de idade. Apesar de possuírem origens e trajetórias socioculturais e econômicas distintas, esses jovens costumam compartilhar um estilo de vida “de periferia” (Toledo, 2012) e seguir um modelo de “masculinidade agressiva”, que diz que “homem de verdade” deve aguentar as adversidades e a dor (Zucal, 2010).

Ainda que esse modelo de masculinidade atravesse o universo das organizadas, existem diferentes tipos de agrupamentos: há aqueles temáticos – como as torcidas chopes (que celebram a amizade e o consumo de cerveja) e as rastas (que cultuam a cultura rastafári) – e há aqueles mais engajados nos confrontos físicos – as chamadas “torcidas de pista”. Há, também, uma hierarquização desses agrupamentos estabelecida a partir de critérios como tamanho, poder e influência. Os GDF fazem parte das chamadas “torcidas de primeiro escalão”. Afinal, são a maior torcida organizada do Corinthians e do Brasil – contando, atualmente, com mais de 100 mil associados. Ademais, são muito respeitados, no referido universo, por conta das festas que promovem nas arquibancadas, das grandes caravanas que realizam para outras cidades e da sua atuação política.

Os GDF começaram a ser criados em 1965 por aproximadamente 15 jovens entre 14 e 20 anos que se encontravam nas arquibancadas dos jogos do Corinthians e que questionavam a vida política e administrativa do clube. Em 1969, a torcida foi oficialmente fundada e Flávio Garcia La Selva tornou-se seu primeiro presidente. Sua fundação ocorreu num momento dramático para o Brasil, que agonizava sob os horrores da ditadura civil-militar. O Corinthians igualmente vivia um período sombrio. Seu presidente, Wadih Helu, pouco afeito à democracia, perseguiu os membros dos GDF e tentou impedir a fundação da torcida (Piva, 2015).

No início da década de 1970, um dos fundadores dos GDF saiu para fundar outra torcida, a Camisa 12, apoiada por Wadi Helu. Este viu sua chapa perder as eleições de 1972, depois de forte oposição dos GDF, que apoiaram a chapa vencedora. Em 1975, a torcida fundou seu bloco de carnaval, visando congregar os associados que, nessa época do ano, dispersavam-se em outras entidades. Em 1977, protagonizou a chamada “invasão corintiana”, que levou mais de 70 mil corintianos às arquibancadas do Maracanã, na semifinal do Campeonato Brasileiro contra o Fluminense. No mesmo ano, criou o jornal “O Gavião”, com tiragem 100 mil exemplares e seu fundador, Flávio La Selva, tornou-se presidente da Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo (ATOESP). Além disso, inaugurou sua atual sede social, no Bom Retiro. Em 1979, os GDF abriram, durante um clássico entre Corinthians e Santos, uma faixa de

oposição à ditadura civil-militar com a mensagem: “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” (Piva, 2015). Imagem que rodou o mundo.

No início da década de 1980, os GDF estabeleceram uma relação profundamente ambígua com a chamada “Democracia Corinthiana”, pois ora a apoiavam, ora a condenavam (Florenzano, 2009)³. Já no final da década, a torcida foi convidada a participar do grupo de acesso das Escolas de Samba de São Paulo, após vencer 12 dos 13 desfiles disputados como bloco. Em meados década de 1990, conquistou pela primeira vez o título de campeã do Grupo Especial das Escolas de Samba de São Paulo e criaram seu site oficial (Piva, 2015). Ao mesmo tempo, enfrentou um dos períodos mais sombrios da história das torcidas organizadas paulistas, que foram proibidas de entrar nos estádios após a chamada “batalha campal do Pacaembu”, quando torcedores organizados do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram violentamente com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e numa centena de feridos⁴.

Nos anos 2000, o Brasil tornou-se o campeão mundial no número de mortes de torcedores, contabilizando 42 mortes entre 1999 e 2008 (Murad, 2013), e os GDF se envolveram em alguns confrontos de grande repercussão midiática, como a tentativa de invasão de campo após a eliminação do Corinthians da Copa Libertadores da América de 2006. Ao mesmo tempo, reforçaram sua atuação fiscalizadora e, junto a outras torcidas corinthianas, realizaram campanha, em 2007, contra o então presidente do clube, Alberto Dualib, e seu vice, Nesi Curi, acusados de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha pelo Ministério Público Federal, no período da parceria Corinthians/ Media Sports Investment (MSI) (Lopes, 2013).

Na década de 2010, os GDF chegaram à marca de 100 mil sócios e, durante o primeiro semestre de 2016, realizaram sucessivas manifestações e protestos, dentro e fora dos estádios, contra a Rede Globo, a Federação Paulista de Futebol (FPF), a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e o presidente da Assembleia Legislativa de

³ Nesse período marcante da história do futebol brasileiro, o Corinthians tornou-se autogerido (o termo é controverso na literatura) e jogadores e outros funcionários do clube passaram a participar, com direito a voto, das decisões mais importantes – como contratação de novos atletas e regras de concentração.

⁴ A violência entre as torcidas organizadas já havia chamado a atenção da imprensa na segunda metade da década de 1980 – especialmente após o assassinato do Cléo, presidente e fundador da torcida Mancha-Verde (atual Mancha Alviverde), do Palmeiras (Lopes, 2013).

São Paulo (ALESP), Fernando Capez. Este ganhou notabilidade pública em meados da década de 1990, quando atuava como promotor público e realizou uma cruzada jurídica contra as torcidas organizadas e, em 2016, foi acusado de participar do desvio de verbas para alimentação nas escolas públicas da rede de ensino do estado. Essas manifestações e protestos levaram a torcida a ser suspensa e serviram de “desculpa” para o aumento da repressão contra seus integrantes.

No dia 25 de janeiro daquele ano, na final da Copa São Paulo de Futebol Júnior, durante o tempo regulamentar de jogo, os GDF ascenderam dezenas de sinalizadores e uma imensa fumaça negra cobriu as arquibancadas amarelas do Pacaembu e o jogo teve de ser interrompido por alguns minutos. Devido ao incidente, a FPF proibiu a torcida de entrar nos estádios paulistas por um período de 60 dias. A proibição teve um efeito reverso e serviu de estopim para uma série de manifestações. A torcida partiu para o contra-ataque e saiu às ruas da cidade, realizando protestos em frente à sede da FPF e, posteriormente, em frente à Alesp. Tais protestos extrapolaram a punição dos 60 dias e abarcaram uma agenda ampla, que fazia frente às forças dominantes do futebol brasileiro (CBF, FPF e Rede Globo), a repressão policial nas arquibancadas, a elitização do futebol brasileiro e o jogo das 22h00, que dificulta a volta do torcedor para casa. Outra frente aberta pelos torcedores diz respeito às reivindicações pela abertura da “CPI da Merenda” (Hollanda; Lopes, 2106a).

Mesmo impedida de entrar com qualquer elemento que os identificasse (bandeiras, camisetas, faixas etc.), os GDF seguiram se reunindo nas arquibancadas dos jogos do Corinthians e passaram a furar a revista policial e a exibir faixas reivindicatórias. Sob o argumento de que essa exibição violaria o Estatuto de Defesa do Torcedor, a Polícia Militar (PM) reagiu com truculência e passou a confiscar as faixas à força. Essa opressão deu início a uma série de confrontos, sendo que o mais grave ocorreu depois de uma partida pelo Campeonato Paulista entre Corinthians e Linense, quando a PM partiu para cima dos torcedores na saída do estádio lançando bombas de gás lacrimogêneo e efeito moral, causando pânico generalizado (Hollanda; Lopes, 2016b).

Os entreveros continuaram e, na véspera de um clássico contra o arquirrival Palmeiras, a Polícia Civil e a Tropa de Choque invadiram a sede dos GDF e

vasculharam suas dependências. Além disso, invadiram a sede de outras torcidas organizadas e prenderam um torcedor da Mancha Alviverde, acusado de espancar, no mesmo ano, o presidente da torcida corintiana e um outro diretor, numa emboscada num estacionamento de supermercado na Zona Oeste da capital. O ato acirrou os “ânimos” e, coincidentemente ou não, foi sucedido por uma série de confrontos entre torcedores do Corinthians e do Palmeiras nos trens, metrô e bairros distantes, resultando na morte de um pedestre, em função de uma bala perdida (Hollanda; Lopes, 2016).

No dia seguinte aos confrontos, uma série de medidas foi tomada, como a realização de jogos de torcida única nos clássicos paulistas e a proibição, até o fim do ano, das torcidas organizadas entrarem nos estádios com qualquer identificação. Os clubes também não poderiam mais reservar cotas de ingressos a elas. Dias depois, teve início a midiática Operação “Cartão Vermelho”, que realizou uma série de apreensões nas sedes de diversas torcidas organizadas paulistas.

Uma delas, feita na quadra do Gaviões, chegou a contar com a presença do então secretário de segurança do Estado. Sem encontrar armas de fogo, exibiram à imprensa dezenas de facas que, em verdade, servem à dispensa da cozinha da quadra, para as feijoadas da torcida, tradicional refeição oferecida à comunidade todos os sábados, na hora do almoço. (Hollanda; Lopes, 2016b, s/p).

A busca na quadra dos GDF ocorreu horas antes do protesto no Vale do Anhangabaú, agendando com dias de antecedência – o que criou, entre os torcedores, certa suspeita e temor de retaliação. O protesto aconteceu no fim da tarde de uma sexta-feira e reuniu milhares de torcedores. Nele, a torcida denunciou a perseguição política que vinha sofrendo e repudiou os jogos de torcida única. Também reivindicou o fim do monopólio dos jogos às 22h00, preços populares de ingresso, punição aos envolvidos no “escândalo da merenda” e transparência nas contas da Arena Corinthians, da FPF e da CBF. Além disso, posicionou-se contra o “futebol moderno” e a favor do futebol popular.

Durante o protesto, lideranças históricas discursaram sobre um carro de som e pediram, com frequência, para que os torcedores não se envolvessem em confusão na volta para casa, para não “manchar” o evento. Esses discursos foram intercalados com

gritos de guerra e músicas da torcida. No ar, pairava uma atmosfera de arquibancadas (antes das restrições, é claro): sinalizadores iluminavam a noite que caía, bandeiras tremulavam sobre a imensa massa torcedora e a bateria marcava o ritmo do evento. Também havia dezenas de faixas de protesto e um enorme bandeirão da torcida cobrindo o Viaduto do Chá. No fim, já por volta das 21h00, alguns torcedores avistaram torcedores do São Paulo e quiseram partir para a briga, enquanto outros tentaram dissuadi-los. Nada de grave ocorreu, no entanto.

PROTESTO DOS GAVIÕES DA FIEL NAS MATÉRIAS DO SPTV E MÍDIA NINJA

Foi a partir desse cenário que as matérias do SPTV e da Mídia Ninja foram produzidas e transmitidas. A do SPTV teve 4 minutos e 16 segundos de duração e inicia com a apresentadora, Izabella Camargo, falando que a sexta-feira começou com uma “megaoperação” da Polícia Civil, do Ministério Público e da Secretária da Fazenda contra a violência das torcidas organizadas. A apresentadora também observa que a “Operação Cartão Vermelho” cumpriu 69 mandados de prisão e de busca e apreensão na região metropolitana de São Paulo, em Campinas e em Santos. Assim, logo de início, as torcidas organizadas são, implicitamente, posicionadas como entidades criminosas.

Em seguida, a apresentadora diz que vai mostrar imagens gravadas, “agora há pouco”, do protesto no Vale do Anhangabaú. Enquanto a matéria exhibe tais imagens a apresentadora explica que o ato era contra os jogos de torcida única e que os GDF alegam que são vítimas de perseguição política e defendem medidas preventivas para acabar com a violência. O uso do verbo “alegar” deixa claro que essa é a posição da torcida, e que não é necessariamente verdadeira. Em seguida, a apresentadora diz que os GDF também pediam transparência nas contas da Arena Corinthians e ingressos mais baratos – destacando, assim, apenas parte da pauta do protesto. Como era de se esperar, ela omitiu que a torcida também tinha entre seus alvos o horário das 22h00 e o monopólio da Rede Globo na transmissão dos jogos.

Uma vez exibidas imagens do protesto, a matéria apresenta uma reportagem sobre as prisões realizadas pela manhã e mostra a quadra dos GDF sendo emparedada por funcionários da prefeitura. Ao fundo, escuta-se o locutor explicando que esta havia

sido a última ação contra a violência das torcidas organizadas. Em seguida, a matéria mostra uma mala com facas e, depois, notas de reais. O locutor esclarece que estas haviam sido encontradas na quadra da torcida. Em nenhum momento, explica que, numa torcida do porte dos GDF, circula uma quantidade significativa de dinheiro diariamente (na quadra, vendem-se materiais da torcida, comida, bebida, ingressos etc.). Tampouco que as facas encontradas eram de cozinha – muito utilizadas no dia-a-dia da torcida e, sobretudo, nas feijoadas que ocorrem aos sábados. Essas opções editoriais ajudam na construção de uma instituição criminosa.

Em seguida, a matéria mostra a polícia entrando na sede de outras torcidas organizadas. Logo depois, exibe a imagem de um torcedor do Palmeiras de cabeça baixa e algemado. Depois, mostra um jovem torcedor dos GDF algemado e sendo levado por policiais. Nesse momento, o locutor esclarece que se trata do mesmo torcedor que, em 2013, assumiu ter disparado um rojão que matou um torcedor na Bolívia – caso que teve enorme repercussão na mídia. Com a imagem do rosto do torcedor boliviano ao fundo e depois de torcedores corintianos presos na Bolívia, o locutor explica que, na época, o jovem gavião tinha 17 anos e não ficou preso e que, agora, é acusado pela polícia de ter participado da emboscada contra palmeirenses que ensejou as operações policiais.

Em seguida, a matéria mostra o advogado dos GDF explicando que está providenciado um *habeas corpus* para que o jovem torcedor seja colocado em liberdade. Este é o único momento em que se dá voz a um representante da torcida e, ainda assim, na condição de acusado. Na condição que quem se explica, não de quem explica. Nenhum participante do protesto foi convidado a dar sua opinião sobre o evento, por exemplo. Depois, a matéria mostra uma imagem de um torcedor corintiano atirando um rojão de dentro de um vagão do metrô, que em seguida é chutado por uma massa de palmeirenses que avançam sobre ele. A imagem subsequente é dramática: mostra uma massa de torcedores correndo na rua e a imagem da sombra de um homem caindo. O locutor explica que os outros presos estavam na “guerra de torcida” que havia acontecido na estação do metrô Brás e em São Miguel Paulista, onde morreu um homem que não tinha nada a ver com aquilo.

Em seguida, a matéria mostra o então secretário de segurança pública de São Paulo, Alexandre de Moraes, afirmando, em tom de ameaça, que ou as torcidas organizadas escolhem

[...] o lado da lei da ordem, o lado da segurança pública, do Ministério Público e do Poder Judiciário e nos auxiliam a expulsar os torcedores criminosos, a prendê-los, indicando provas, ou elas vão optar por estar do lado dos torcedores criminosos e aí vão ser tratadas como organizações criminosas.

No momento seguinte, aparece o repórter dizendo que a ação da polícia também foi para saber de onde vem e como as torcidas gastam seu dinheiro. Em seguida, a matéria exhibe uma imagem do promotor Paulo Castilho afirmando que “[...] nós vamos continuar nesse caminho sem trégua a essa onda de violência”. Aqui, as autoridades são posicionadas como parte da solução do problema.

Por fim, a matéria mostra novamente a figura da apresentadora que observa que, por telefone, o presidente da Mancha Alviverde disse que a sede da torcida estava com a documentação em ordem e que a organizada colaborou com a polícia. Também observa que não conseguiram entrar em contato com representantes da Mancha Alviverde da Baixada e da Pavilhão 9, outras organizadas citadas na matéria. Com isso, faz crer que todos os lados foram escutados e a ética do bom jornalismo, atendida.

Diante do exposto, podemos afirmar que a matéria veiculada pelo SPTV é potencialmente ideológica na medida em que reforça o estigma de violência posto sobre as torcidas organizadas ao posicioná-las como instituições criminosas – o que contribui para legitimar o controle do Estado sobre elas e mantê-las numa condição de subordinação. A ideologia parece operar aqui por meio principalmente da dissimulação. Ao mesmo tempo em que a referida matéria passa por cima das controvérsias da “Operação Cartão Vermelho”, oculta outras dimensões das torcidas organizadas, como seu caráter reivindicativo. Na verdade, o protesto dos GDF parece ter servido apenas como um dispositivo para abordar tal operação e, em momento algum, foi posicionado de forma positiva, como um ato de exercício da cidadania, por exemplo. A matéria tampouco aborda as críticas feitas pela torcida à Rede Globo e à corrupção na FPF e

CBF, o que contribui para desviar a atenção do telespectador dessas forças (dominantes) do futebol brasileiro, mantendo intacta sua estrutura de poder.

Por sua vez, a matéria da Mídia Ninja parece fazer um contraponto à do SPTV. Tal matéria possui 2 minutos e 21 segundos e começa mostrando uma liderança dos GDF puxando, em cima de um carro de som, um dos principais gritos de guerra da torcida, que fala dos “direitos da Fiel”. A massa de torcedores faz coro ao líder e gesticula os braços, como quem exige seus direitos. Assim, de partida, a torcida é posicionada como uma instituição crítica e reivindicativa. Em seguida, a matéria mostra imagens do ocorrido na parte da manhã, acompanhada de breves legendas explicativas. Aqui, não há um locutor; quem fala são os próprios envolvidos. E o advogado da torcida explica que o dinheiro apreendido pela polícia era de venda de ingressos e que os espetos e as facas, de churrasco. E ainda emenda em tom indignado: “Aqui tem churrasco toda hora, meu amigo. Para com isso!”

Em seguida, a matéria mostra novamente o protesto e exhibe a imagem de uma liderança dizendo que os GDF são o “bode expiatório”. Depois, mostra os torcedores cantando, fazendo coreografias, empunhando sinalizadores e reivindicando seus direitos. Logo após uma legenda explica: “A Gaviões, defensora histórica da democracia, foi para as ruas denunciar a Rede Globo, o ladrão de merenda de Alckmin, Capez, e a CBF”. Aqui, os alvos do protesto são claramente nomeados, expondo e expurgando as forças dominantes. A imagem seguinte é sugestiva e mostra a torcida cantando aquela que se tornou o símbolo da sua luta contra as fraudes da merenda: “Eu não roubo merenda, eu não sou deputado, trabalho todo dia, não roubo meu Estado”.

Depois, novamente a matéria exhibe uma liderança criticando as autoridades e, em seguida, a massa torcedora cantando: “ladrão, devolve o futebol pro povão”, em contraposição à elitização do futebol. No momento seguinte, mostra uma série de faixas com slogans que resumem as pautas do protesto. Em seguida, torcedores fazendo coreografias e, depois, mais uma liderança criticando as autoridades e a massa o escutando atentamente. Por fim, mostra os torcedores pulando e cantando: “Eu sou, da Gaviões eu sou, Corinthians joga eu vou...”

Diante do exposto, podemos afirmar que a matéria da Mídia Ninja é potencialmente crítica e contestatória da ideologia na medida em que realça a opressão

sofrida por um grupo subalterno, habitualmente estigmatizado (Lopes, 2013; 2016): as torcidas organizadas de futebol. Nela, os GDF são posicionados como uma entidade democrática e reivindicativa. Não como inimiga do povo, mas como sua aliada, que luta por seus direitos. Seus integrantes são tratados como pessoas críticas, que devem, portanto, ser escutados. A despeito de nenhum deles ter sido entrevistado, a matéria, de forma bastante criativa, consegue lhes dar voz exibindo imagens de seus cantos, gritos de guerra, faixas e discursos de lideranças. Ao lhes dar voz, conseqüentemente, acaba colocando em xeque a legitimidade das forças dominantes (muito criticadas pelos torcedores) e tecendo uma narrativa contra hegemônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, busquei contribuir para o entendimento do processo de construção social dos conflitos no futebol brasileiro nos meios de comunicação. Os resultados das análises da matéria da Globo corroboram o que a literatura acadêmica (Toro; 2004; Lopes, 2013; 2016) afirma sobre o tratamento dado pela “grande imprensa” às torcidas organizadas: ela criminaliza-as, adotando uma narrativa claramente maniqueísta e estigmatizadora, que as constrói como um inimigo perigoso e ameaçador, que deve ser expurgado. Por outro lado, os resultados das análises da matéria da Mídia Ninja mostram que a “imprensa alternativa” vem se empenhando em fazer um contraponto a esse tratamento. No entanto, enfatizo que, para conhecermos melhor os posicionamentos dessa imprensa sobre as torcidas organizadas e verificarmos até que ponto suas narrativas contribuem, de fato, para abrir novas possibilidades de interpretação dessas torcidas e desnaturalizar os discursos hegemônicos sobre elas, são necessários novos estudos.

REFERÊNCIAS

- FLORENZANO, José P. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade do futebol brasileiro*. São Paulo: FAPESP/EDUC, 2009.
- GUARESCHI, Pedrinho A. “Ideologia”. In: JACQUES, Maria da G. et al. (Org.). **Psicologia Social contemporânea: livro-texto**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 89-103.

HOLLANDA, Bernardo B. B. de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

HOLLANDA, Bernardo. B. B.; LOPES, Felipe T. P. “Diário da arquibancada: um relato dos protestos dos Gaviões da Fiel no primeiro semestre de 2016 (Parte 1)”. **Ludopédio**, 2016a. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/archibancada/diario-da-arquibancada-um-relato-dos-protestos-dos-gavioes-da-fiel-no-primeiro-semester-de-2016/>>. Acesso em: 29/12/2016.

_____. “Diário da arquibancada: um relato dos protestos dos Gaviões da Fiel no primeiro semestre de 2016 (Parte 2)”. **Ludopédio**, 2016b. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/archibancada/diario-da-arquibancada-um-relato-dos-protestos-dos-gavioes-da-fiel-no-primeiro-semester-de-2016-parte-2/>>. Acesso em: 29/12/2016.

IBAÑEZ, Tomás. O “giro linguístico”. 2a ed. In: IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004. pp.19-49.

LOPES, Felipe, T. P. “A construção do problema social da violência no futebol brasileiro: dominação e resistência”. **Athenea Digital**, nº 16 / 2016, pp. 89-113.

_____. “Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro”. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Nº 27/ 2013, pp. 597-612.

MURAD, Mauricio. “Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro”. **Revista USP**. Nº 99/ 2013, p. 139-152.

PIVA, Raphael. “Apontamentos históricos da torcida corinthiana e dos Gaviões da Fiel”. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; NEGREIROS, Plínio L (Org.). **Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 296-312.

ROJO, Luiza M. “A fronteira interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre “racismo””. In: IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 206-257.

TEIXEIRA, Rosana da C. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annabulme, 2004.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 4a ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TORO, Camilo A. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ZUCAL, José G. **Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol**. Buenos Aires: Prometeu Libros, 2010.